

BISSEXUALIDADES: ENTRE FICÇÕES CINEMATOGRAFICAS E ESPECTATORIALIDADES LATINO-AMERICANAS

Palavras-chave: Cinema, Bissexualidade, América Latina.

Autores/as:

SHIRO TAKEUTI (Unicamp)

Profa. Dra. KARLA BESSA (orientadora, Unicamp)

INTRODUÇÃO:

Há uma longa história por trás da abreviação que designa o grupo de pessoas dissidentes de gênero, sexo e sexualidade, que atualmente varia entre LGBT e LGBTQI+, conforme os estudos de Regina Facchini (2002; 2009). Em sua pesquisa nos anos 1990, a autora relata que havia no Movimento Homossexual, com era chamado no período, uma disputa em torno do termo “bissexual”. Em 1998, o presidente da época do grupo CORSA, um dos coletivos que compunha o Movimento, propôs que a Parada do Orgulho de São Paulo adotasse a sigla GLBT – gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros –, internacionalmente usada e mais inclusiva que a então vigente no Brasil, GLT – gays, lésbicas, travestis e transexuais. A adoção foi aprovada, mas os grupos não partidários do CORSA não a utilizavam, demonstrando um conflito sobre as formas de classificação (FACCHINI, 2002). Apenas em 2005, no XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros, o B foi oficialmente incluído na sigla do Movimento de forma mais efetiva (Id., 2009). Facchini também relata, a partir de sua pesquisa de campo com o CORSA, a existência de brincadeiras maliciosas sobre uma não legitimação da autoidentidade bissexual, sendo ela associada ao enrustimento (Id., 2002). Desta forma, pode-se dizer que a inclusão ou exclusão da bissexualidade no movimento e as associações feitas a ela são narrativas políticas sobre tal identidade.

Essas disputas políticas e diferentes visibilidades estão também presentes no âmbito da cultura, como é o caso das narrativas filmicas. No caso de personagens LGBTQI+, são corriqueiramente apenas subentendidas ou representadas como perversas, confusas, merecedoras de finais trágicos, como mostrado pelo documentário *O outro lado de Hollywood* (1995) e argumentado por Yescavage e Alexander (2001). No que toca às personagens que podem ser entendidas como bissexuais, a sexualidade é tida como uma forma de enfatizar sua perversidade; em outros, elas são retratadas como experimentos (STEWART, 2002). Contudo, não podemos perder de vista os finais felizes e as expressões abertas de gênero e sexualidade, como apontado pelo mesmo documentário citado.

Neste trabalho, analisamos a presença de personagens que podem ser entendidas como bissexuais ao decorrer de três filmes e verificamos se há alguma representação considerada estereotípica pelos agentes colaboradores da pesquisa. Richard Dyer (1999) pontua que os estereótipos possuem um valor na facilitação das operações mentais sobre determinado objeto; contudo, também os entende como conhecimentos parciais, carregados de sentimentos e uma barreira para a proteção das tradições do contexto no qual nos inserimos. Sua diferença em relação às *novelistic*

characters, outra forma construção de personagens apontada pelo autor, é que os primeiros são compostos por traços prontamente reconhecíveis e que não se alteram ou desenvolvem ao decorrer da narrativa, além de apontarem para características comuns do mundo humano, enquanto as segundas possuem traços múltiplos que são revelados aos poucos e se centraram na individualidade da personagem em vez de no mundo exterior. Essa limitação do estereótipo se reflete também nas narrativas que carregam em sua representação, apresentando um padrão, como os de perversidade ou confusão apontados anteriormente.

Os impactos das narrativas criadas pelo cinema ficcional nas vidas que dizem representar podem ser observados no artigo de Karla Bessa (2007), no qual a autora reflete sobre como as escolhas das curadorias de “festivais GLBT” de cinema se modificam de acordo com a constituição das subjetividades de seu público. Desta forma, entende-se que os meios de comunicação possuem relações muito concretas com as imagens de populações LGBTQI+, seja da perspectiva de fora ou dos próprios sujeitos dissidentes de gênero, sexo e sexualidade.

A escolha pela ficção se deu como uma forma de pensar como as ideias coletivas moldam as individuais e vice-versa (DYER, 1999), e pelos filmes por serem obras mais curtas em relação a séries e telenovelas. Essa característica foi o que permitiu a interlocução sobre mais de uma obra, possibilitando uma comparação entre diferentes narrativas. Ademais, a participação de pessoas bissexuais contribui na medida em que são olhares sobre imagens criadas a respeito de, ao menos em parte, suas próprias vivências no que toca à sexualidade, e que potencialmente afetam suas vidas e subjetividades (BESSA, 2007).

METODOLOGIA:

Para iniciar a pesquisa, foram realizados levantamento e leitura bibliográficas. O levantamento se deu através da busca pelas palavras-chave *cinema* e *bissexualidade* ou *bissexual* nas plataformas Google Acadêmico, SciELO e no acervo da Unicamp, além da bibliografia de referências selecionadas para a escrita do projeto. Também houve uma significativa contribuição de interlocutores e de grupos (coletivos, grupos de estudo e de trabalho, páginas de divulgação científica e afins) ligados à bissexualidade.

A escolha dos filmes se deu a partir de um pré-campo com interlocutores e de listas feitas por sites ou grupos LGBTQI+, ou ainda por espectadores em redes sociais de filmes. Os critérios foram a região da América Latina como sede da produção e o lançamento no século XXI, buscando uma proximidade com o contexto dos interlocutores da pesquisa, além da apresentação de características comuns, apesar da diversidade de construção de personagens monodissidentes¹ (SANTOS et al., 2018). A bissexualidade é apresentada visualmente, e dentro da lista elaborada inicialmente com filmes produzidos por diversos países e com diferentes orçamentos, narrativas e objetivos, *E sua mãe também* (2001), *Contracorrente* (2009) e *Paraisos artificiais* (2012) foram os três filmes latino-americanos com maior audiência, segundo dados coletados no Letterboxd, IMDb e Filmow em 15 de abril de 2021².

A conexão com interlocutores foi feita inicialmente através das redes sociais³. Os critérios utilizados foram a inserção da pessoa, mesmo que informal, em algum debate sobre gênero e/ou sexualidade, seja por grupos de redes sociais ou acadêmicos, e a idade entre os 20 e 30 anos. Procuramos também ter uma diversidade de identidades de gênero, raça, classe social, origem dentro do Brasil e área de atuação. As entrevistas foram feitas de acordo com as circunstâncias da pandemia de COVID-19 e de distância entre os envolvidos, sendo realizadas de forma online e

¹ Apenas um interlocutor foi contactado inicialmente de forma presencial por termos espaços físicos de convivência comuns e o assunto ter surgido espontaneamente. Foi o único agente incluído após o início das entrevistas por conta de uma desistência de outra interlocutora.

² Mas uma interlocutora apontou que há uma quebra da expectativa de como isso se desenrola ao decorrer da trama como algo positivo.

³ Termo que caracteriza sexualidades fluidas, que não se centram exclusivamente na feminilidade ou masculinidade como critério para a atração. É uma forma de nomear essas vivências sem presumir identidades.

baseadas em um pequeno questionário semi-estruturado, que foi estendido de acordo com as possibilidades de cada conversa. As plataformas, tanto dos contatos iniciais quanto das entrevistas não foram problematizadas.

A partir da revisão bibliográfica e das entrevistas, foram feitos apontamentos sobre os filmes, apoiados também na decupagem das obras. Isso significa considerar sua especificidade de obras audiovisuais, que apresentam imagens, sons e estrutura, além da interpretação de outros elementos nelas presentes, segundo a caracterização de Manuela Penafria (2009) do conceito. A autora indica como o principal obstáculo para a análise de filmes o fato de não poderem ser reproduzidos em textos, dada sua característica audiovisual. Na tentativa de contornar tal problema, foram utilizadas imagens de planos considerados centrais e descrições detalhadas que contemplem tanto a imagem quanto o som e a estrutura. Outro ponto apontado pela autora é sobre a relação entre analista e filme: deve haver um equilíbrio entre a racionalização e a afetação emocional na análise (PENAFRIA, 2009). Consideraremos também o que Clifford Geertz (1989) chama de “descrição densa”, isto é, a construção de uma leitura dos códigos apresentados, neste caso, nos filmes, através de seu conteúdo, imagens, sons e estrutura, escolhendo “entre as estruturas de significado” a fim de “determinar sua base social e sua importância” (GEERTZ, 1989, p. 8). A partir de um repertório bibliográfico que articula (bis)sexualidade e cinema, tanto no que toca produção quanto espectralidade (MASCARELLO, 2006), bem como a partir das entrevistas realizadas, tentou-se elaborar algo como uma descrição densa, que tenta contemplar também o entendimento do sentido ideológico, a mensagem transmitida pelos filmes (PENAFRIA, 2009), sobre o comportamento que pode ser entendido como bissexual, inclusive em sua articulação com outros comportamentos sexuais colocados pelas películas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Houve quatro etapas principais de análise ao decorrer da investigação: primeiramente, a da bibliografia, seguida da decupagem dos filmes, das entrevistas com os agentes colaboradores desta pesquisa e da retomada dos filmes à luz dessas conversas.

Na revisão bibliográfica, questões mais conceituais foram levantadas: o que é um estereótipo, quais outras formas de construir personagens são possíveis (DYER, 1999), quais os significados e movimentos da bissexualidade, o que é apagamento, monossexismo e monodissidência (YOSHINO, 2000; EISNER, 2013; VAS, 2021). Houve também um esforço de entendimento dos impactos e das apropriações das narrativas fílmicas nas populações que pretendem representar (BESSA, 2007) e dos movimentos políticos e sociais acerca da bissexualidade no Brasil (FACCHINI, 2002; 2009; SANTOS et al., 2018) e no mundo (YOSHINO, 2000; EISNER, 2013). Dessa articulação, pode-se entender que o apagamento da bissexualidade (YOSHINO, 2000) produz impactos na representação de personagens que podem ser entendidas como bissexuais e na própria interpretação de suas sexualidades (CANCIO, 2021; STEWART, 2002). Isto significa que certos padrões ligados a estereótipos bissexuais (EISNER, 2013) são reproduzidos em tela: a perversidade, a infidelidade, a indecisão, a fase de descoberta para tornar a personagem “mais palatável” (STEWART, 2002, p. 50).

Na decupagem dos filmes, alguns aspectos foram observados: primeiro é apresentado, em todas as narrativas, o relacionamento com uma personagem de leitura diferente do da personagem em questão: se ela é vista como mulher, seu primeiro interesse em tela é percebido como um homem e vice-versa. A idade é um fator significativo, no sentido de que em dois dos três filmes, as relações com pessoas entendidas como do mesmo gênero se dão na juventude, em uma fase de descobrimento das personagens de



Figura 01 - Nando olha para uma foto de Érika em *Paraísos artificiais* (2012)

uma forma geral (tanto da sexualidade como de trabalho, por exemplo). Além disso, foi observado que em todos os casos, o comportamento dissidente é relacionado ao uso de substâncias que alteram a consciência, sobretudo bebidas alcoólicas, mas também ecstasy. Ademais, os relacionamentos românticos tidos como legítimos se dão com personagens de leituras de gênero diferentes dos das personagens em questão.

Já na etapa das entrevistas, frequentemente foi apontada uma desconexão, uma falta de identificação em relação às personagens, mas que não foi generalizada. Os enredos e formatos dos filmes também não fizeram sucesso



Figura 02 - Saba, Tenoch e Julio no filme *E sua mãe também* (2001)

entre os agentes colaboradores, muitas vezes porque seus gostos pessoais em relação a audiovisual se dirigem a outros gêneros que não o drama, que caracteriza as três peças estudadas. Houve poucos sentimentos positivos reconhecidos em relação às películas ou às personagens. Alguns estereótipos foram identificados: o bissexual que trai⁴, a relação entre bissexualidade e juventude, de que os atos dissidentes não cabem na maturidade, bem como a ideia de que não existem começos de relacionamentos dissidentes saudáveis, sem relações falidas anteriormente, os eventos trágicos

recorrentes, como morte de parceiros, e o hedonismo, apresentado a partir de festas e uso de drogas. Ademais, os agentes colaboradores entenderam que “bissexualidade” é um termo possível de ser aplicado às personagens, sobretudo às de *Contracorrente* e *Paraísos artificiais*, embora não o único, dada a característica exploratória das narrativas e a fluidez dos desejos humanos.

CONCLUSÕES:

As disputas narrativas acerca da bissexualidade se dão dentro e fora das telas, mesmo no que toca ao cinema. Tanto o filme em si quanto as interpretações e apropriações feitas a partir dele comunicam essa disputa: tal elemento é ou não estereotípico? Qual o seu peso? E seu valor? Quais sentimentos despertam? Há identificação?

Quando perguntados sobre a construção de uma personagem bissexual ideal, os agentes da pesquisa conseguiram, de maneira geral, mas não unânime, identificar em outra produção artística, fosse audiovisual ou literária, um modelo que os agrada. As características que gostariam que aparecessem mais em tela são a imperfeição, a humanização da personagem e a normalização do tratamento da bissexualidade. A denúncia do preconceito da sociedade apareceu tanto como algo a ser superado quanto a ser mais explorado, por fazer parte da vivência de bissexuais, mas que não as define. A construção dessa normalização foi sugerida de formas diferentes: por um romance “bobo”, pela a exploração da atração sem atos sexuais, por um jogo de palavras com os marcadores de gênero, como o nome, da personagem com a qual o bissexual da trama se relacionaria. Apareceu também o desejo de ver pessoas não binárias, e não apenas homens e mulheres, como alvos de desejos de bissexuais para quebrar a ideia de que a bissexualidade é binária, e da assexualidade, para conversar com o estereótipo da pessoa bissexual lasciva. A maior diversidade racial também foi apontada como um ponto importante a ser trabalhado.



Figura 03 - Santiago e Miguel no filme *Contracorrente* (2009)

Desta forma, entendemos que para as pessoas bissexuais que colaboraram com esta pesquisa, os filmes estudados não as representam, não necessariamente porque sejam estereotipados, mas também por uma falta de identificação de outro tipo. Questões de raça e classe apareceram de passagem como possíveis fatores, bem como de

⁴ Não que a leitura do gênero de determinada personagem fosse diferente da do agente em questão no sentido de classificação, mas de que suas masculinidades o eram.

gênero⁵. A diversidade das narrativas cinematográficas, das interpretações dos agentes e de suas construções ideais de personagens bissexuais apontam que os entendimentos e sentimentos sobre a representação de um grupo do qual fazem parte é também diversa por parte dos interlocutores da pesquisa. Uma representação com estereótipos não é necessariamente ruim, assim como uma que foge deles não é intrinsecamente boa; há outros elementos na construção das personagens e das películas como um todo (como enredo, roteiro e trilha musical) que influenciam a identificação ou não de bissexuais em relação a personagens que possivelmente os retratam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BESSA, Karla. Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 28, p. 257-283, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000100012>. Acesso em 25 out. 2020.
- CANCIO, Talitta. Sim, elas são bissexuais: representação de personagens bissexuais femininas nas telenovelas da Globo. Natal: UFRN, 2021. 77p. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda, Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/34458>. Acesso em 28 fev. 2022.
- DYER, Richard. “The role of stereotypes”. In: MARRIS, Paul; THORNHAM, Sue. *Media studies: a reader*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.
- EISNER, Shiri. *Bi: notes for a bisexual revolution*. Berkeley: Seal Press, 2013.
- FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo*. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2002, p. 186-206. Dissertação, Programa de Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/282012>. Acesso em 12 nov. 2020.
- FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. *Bagoas – estudos gays: gêneros e sexualidades*, [s. l.], [s. v.], n. 4, p. 131-158, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2300>. Acesso em 12 nov. 2020.
- GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 3-21.
- MASCARELLO, Fernando. “Os estudos culturais e a recepção cinematográfica: um mapeamento crítico”. In: JACKS, Nilda; SOUZA, Maria Carmem Jacob de. *Mídia e recepção: televisão, cinema e publicidade*. Salvador: EDUFBA, 2006, p. 74-99.
- O OUTRO lado de Hollywood. Direção: Rob Epstein, Jeffrey Friedman. Produção de Rob Epstein. Estados Unidos: Sony Pictures Classics, 1996.
- PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes – conceitos e metodologia(s). VI Congresso SOPCOM, [Lisboa], abr. 2009.
- SANTOS, Cinthya Giselle Coutinho Oliveira et al. Da invisibilidade ao reconhecimento: experiência de roda de conversa e validação da bissexualidade em São Paulo. *BIS: Boletim do Instituto de Saúde*, n. 19, vol. 2, p. 77-85, 2018. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/index.php/bis/article/view/34594>. Acesso em 15 abr. 2021.
- STEWART, Steve. Bisexual chic at the Bijou. *The gay & lesbian review*, [s. l.] p. 50, 2002.
- VAS, Dani. Militância enquanto convite ao diálogo: o caso da militância monodissidente. São Paulo: USP, 2021. 127p. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.47.2021.tde-09112021-140959>. Acesso em 24 fev. 2022.
- YESCAVAGE, Karen; ALEXANDER, Jonathan. Bi/Visibility: a call of an update. *Journal of Bisexuality*, [Nova York] v. 1, n. 1, p. 175-180, 2001.
- YOSHINO, Kenji. “The epistemic contract of bisexual erasure”. *Stanford Law Review*, [Palo Alto], v. 52, n. 2, p. 353-461, jan. 2000.